

Anna Caban

Investigadora independente

a.em.caban@gmail.com

Imagem da sociedade brasileira no jornal *Lud* do período entre 1930–1938

Resumo:

Em 1920, no ano do seu encerramento, o jornal *Polak w Brazylii* ficou na posse da Congregação dos Vicentinos de Curitiba. No mesmo ano, o periódico ressurgiu com um nome novo – *Lud*, mudando radicalmente o perfil para eclesiástico-conservador, com o primeiro redator Pe. José Joaquim Góral (Malczewski, 2008: 217). No período entre 1930 a 1938, o jornal fornece as informações pertinentes tanto à sua mãe-pátria, para estimular o sentimento de pertença à mesma etnia, como ao Brasil, incentivando a integração na sociedade de acolhimento. O contexto da referida época, da crise econômica global até à campanha de nacionalização de Getúlio Vargas, afeta, sem dúvida, o discurso veiculado nas publicações dos missionários, não só a sua visão do Outro, mas também a imagem da sua etnia. Assim sendo, o objetivo do nosso trabalho é apresentar e analisar a heteroimagem da sociedade brasileira, caracterizada pela diversidade étnica, conforme o periódico *Lud*, numa época marcante entre 1930 a 1938, tendo em consideração a influência da autoimagem dos poloneses.

Palavras-chave: diversidade étnica, imigrante, polonês, Brasil

Abstract:

Image of Brazilian Society in the Journal *Lud* During the Period Between 1930 and 1938

In 1920 the newspaper *Polak w Brazylii* was closed and came to be in possession of the Congregation of the Mission in Curitiba. That same year, the new owners

popularly known as Vincentians, lead by their first editor Father José Joaquim Góral, renamed journal to *Lud*, who also led to radical changes in the paper's editorial line and tended to favour ecclesiastical conservatism (Malczewski, 2008: 217). During the period from 1930 to 1938, the newspaper contained information relevant for their Motherland, as they help to strengthen the feeling of belonging to the same ethnicity, as well as information related to Brazil, encouraging them to integrate in the host society. Indisputably, the context at the time in question, from the global economic crisis to the nationalization campaign of Getúlio Vargas, affects the discourse of Vincentians – not only their view of the Other, but also the image of their nationality. Therefore, the purpose of our work is to present and analyse the hetero image of Brazilian society characterized by ethnic diversity, according to the journal *Lud* in a special period between 1930 and 1938, taking into consideration the auto-image of Poles.

Keywords: ethnic diversity, image, polish, immigrant, Brazil

Ao estabelecer-se no Brasil, os poloneses tinham enfrentado muitas circunstâncias adversas, porém, com o passar do tempo, começaram a realizar várias iniciativas socioculturais com o objetivo de reforçar a integração e preservar a sua cultura na sociedade de acolhimento, nomeadamente, através da imprensa comunitária polonesa. Segundo Jan Lencznarowicz, este tipo de imprensa abrange todas as publicações periódicas impressas no exterior e na língua polonesa, que têm a intenção de responder às necessidades dos leitores de origem polonesa (Lencznarowicz, 1994: 6). É também um repositório de imagens, tanto do outro e da realidade estrangeira, como de quem as descreve.

Em relação à imprensa da comunidade polonesa no Brasil, um dos periódicos de duração mais longa, analisado no nosso estudo, é o jornal *Lud* dos missionários da Congregação dos Vicentinos de Cracóvia que, em 1903, se instalaram em Curitiba (Weber, 2015: 257). Desde o início, a redação dos padres declara-se favorável à integração dos imigrantes poloneses no Brasil, do qual, em seu entender, „formam uma parte orgânica” (Kowalski, 1931: 1), preservando ao mesmo tempo a memória da pátria abandonada, a identidade dos seus antepassados e a lembrança do seu esforço na terra brasileira. Por conseguinte, a autoimagem da etnia polonesa no Brasil que emerge das páginas de

Lud, baseia-se fortemente no mito do pioneiro, reforçado a partir da reunificação da Polónia, o qual salienta um enorme heroísmo e danos sofridos nas colónias no passado (veja por exemplo *No caminho dos pioneiros* in: Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa, 1, 1970: 93). A imagem dos imigrantes é elaborada em várias obras literárias, também de qualidade jornalística, sobretudo da autoria de Adolf Dygasiński (1891), Józef Siemiradzki (1894, 1902) e Jan Krawczyk (2003). As duas primeiras dizem respeito às ocorrências mais antigas, da imigração maciça, a denominada “febre brasileira”, porém, a sua influência reflete-se na época analisada, quer na imagem que os imigrantes têm de si próprios, quer na sua visão da realidade estrangeira, designadamente, os desafios que enfrentaram devido à não existência do Estado Polonês até 1918. No contexto da nossa delimitação temporal, que faz parte do período entreguerras, o problema das representações de polonidade e das narrativas delas decorrentes é levantado nas teses de doutoramento da autoria de Adriano Malikoski (2019), Fabiana Regina da Silva (2019) e Rhuan Targino Zaleski Trindade (2020). Ainda a questão da identidade polonesa e dos obstáculos encarados no Brasil, com traços martirológicos, é abordada nos livros de Ulisses Iarochinski e no trabalho de Kinga Orzeł-Dereń, no qual a autora dedica a sua atenção a um local mais emblemático, a paróquia Santana de Cruz Machado, onde o surto de tifo custou a vida a centenas de recém-chegados da Polónia em 1911. Enfim, todas estas experiências têm uma influência significativa tanto na imagem da etnia brasileira aos olhos dos poloneses, como na imagem da sua própria comunidade.

Na imprensa dos missionários, a sociedade brasileira é descrita como um mosaico de várias etnias que se entrecruzam mutuamente. Por um lado, a redação de *Lud* promove a ideia de integração nos seus textos, mas por outro salienta claramente que os poloneses formam nesse mosaico um grupo étnico distinto, conforme as palavras do padre Julian Janiewski:

A comunidade polonesa no Brasil constitui uma grande família no mosaico de várias nações, ligada pela nacionalidade, língua, crença e memória comum, pelas paixões e pelos alvos – tudo isso deve-nos unir. No entanto,

[...] somos divididos pelas ideias políticas. Esquecemos que vivemos no estrangeiro e comportamo-nos como se não fôssemos ligados, de maneira nenhuma, ao Brasil (Janiewski, 1936b: 1).

Além disso, o autor refere-se ao agravamento das divergências no interior da comunidade polonesa, dividida em dois grupos opostos, quer dizer católico e progressista, no período pós-guerra. A falta de unidade entre os poloneses impõe obstáculos à plena integração na sociedade brasileira, a qual supostamente permitirá uma defesa mais eficaz dos seus próprios interesses, o respeito de outras etnias e a participação na vida pública do país que os abrigou tão cordialmente – estes passos, no entender do missionário acima citado, são necessários para que a comunidade polonesa reforce a sua posição nas colónias brasileiras e para que não seja considerada inferior pelos outros, ditos estrangeiros (Janiewski, 1936b: 1).

Passando à nossa análise da hetero-imagem da sociedade brasileira, os contatos com os outros, baseando-nos no caso dos poloneses, podem ser influenciados pelas experiências e problemas vividos no país de origem, o que tem a ver, principalmente, com alemães. No período analisado, as relações polono-alemãs causam muita polémica, também na imprensa imigratória dos missionários, o que constitui um certo prolongamento do conflito da Europa para o Brasil, incitado pelo ex-presidente da Itália, Francesco Nitti, o autor de um artigo ofensivo aos poloneses, publicado num periódico, *Estado de São Paulo*, sob o título o „Perigo da Polónia”, no qual transmite informações falsas sobre a sua situação financeira e política, apresentando-a como um país altamente endividado, que sofre de incompetência administrativa e, por conseguinte, encontra-se num estado profundo de caos (1930a: 2). Além disso, F. Nitti põe em questão a unidade territorial da Polónia e recorre à justificação do facto que tinha sido invadida pela Alemanha, liderada pelo Frederico I da Prússia. Em seu entender, a ação do rei fora apenas „uma expressão do instinto de domínio sobre os outros” (Ibid.). Estas injúrias, citadas pela redação de *Lud*, despertam uma agitação na comunidade dos poloneses, cujas organizações não permanecem passivas e apelam aos protestos contra a campanha

anti-polonesa, o que os missionários relatam numa série de artigos nas primeiras páginas da sua revista, começando com o texto de capa sobre a manifestação de um protesto levantado na véspera do Natal, enviado para os editores do *Estado de São Paulo*, nomeadamente, por Tadeusz Grabowski, o deputado e ministro plenipotenciário da Polónia no Rio de Janeiro (Pałka, 1931: 1).

No mesmo período, a redação do jornal critica os alemães pelas suas tentativas de provocar uma guerra e se apoderar novamente da Pomerânia, uma região polonesa, acusando-os de cobiça e práticas desleais (Wojciechowski, 1930: 1). A sua atitude é imoral, desprovida de remorsos, cínica e calculista. Interessa notar que os colonos alemães são acusados dos mesmos vícios, devido aos delitos que cometem em várias colónias, descritos brevemente pelos vicentinos na coluna dedicada às notícias do Brasil. Assim, são considerados pessoas inclinadas a lutas, conflituosas, hipócritas, desleais até em relação aos seus conterrâneos da Alemanha (1931b: 2).

O pomo da discórdia associado ao artigo de Nitti continua pendente quando Siegfried Wagner, o chanceler da organização paramilitar alemã, Stahlhelm, lançou um folheto, sob o mesmo título, o “Perigo da Polónia”, no qual apresenta uma reivindicação da Alemanha de reanexar os territórios da Polónia, baseando-se na publicação acima referida (1931a: 2). A informação deste folheto no periódico de São Paulo agrava tensões entre poloneses e alemães, cujos representantes incentivam aos ataques da Estado Polonês. Na ótica dos missionários, tais publicações prejudicam o bom nome da Polónia no estrangeiro, aos olhos dos outros. Conforme o padre Jan Pałka, o redator-chefe de *Lud*:

Infelizmente, a sociedade no Brasil não se mantém informada das relações polonesas [com a Alemanha] e, em alguns casos, embora de boa-fé, as redações brasileiras aprovam artigos difamatórios. Muitas vezes, nos mesmos periódicos foram elaborados artigos e notas favoráveis à Polónia, no entanto, uns dias depois foram publicados textos não só contra a nossa pátria, mas completamente mentirosas. Na maioria, tínhamos esclarecido estes casos aos nossos leitores. Às vezes, em resposta foram divulgadas

retificações [em *Lud*], porém, não contribuíam para a solução duradoura (Pałka, 1931: 1).

Além disso, contribui também para esta relação conflituosa o estabelecimento dos alemães recém-chegados nos territórios, onde já se instalaram os imigrantes da Polónia, colocando em risco a prosperidade deles e forçando-os até a venderem suas terras – os missionários põem em destaque este problema nas primeiras páginas do periódico mediante uma carta de um dos seus leitores que enfrenta esta dificuldade (1934: 2). Ao mesmo tempo, a imagem da comunidade alemã tecida no jornal revela certas qualidades positivas, como o progresso e a ordem. As colónias dos alemães destacam-se das outras, graças à estrutura moderna, designadamente, os caminhos iluminados pela luz elétrica, os prédios sólidos feitos de tijolos, os fios telegráficos e as antenas de rádio presentes em cada lugar. Tudo isso constitui uma paisagem linda, de ordem perfeita. Na cidade de Blumenau, puramente alemã, os visitantes sentem-se como se estivessem na Alemanha, onde quer que vão, ouvem a língua dos alemães, até na rádio (1936d: 3).

No entanto, embora pareçam uma nação unida e unânime, o padre Jan Wiśliński apresenta no seu relato de viagem ao interior do Paraná os conflitos de interesse dentro da comunidade alemã, alicerçados em diferenças religiosas e ideológicas (Wiśliński, 1937: 6). O missionário admite que, numa das suas colónias no interior, na Terra Nova, os alemães são divididos em frações opostas, constituídas por um grupo de católicos que deu origem à colonização alemã nesse lugar e por um grupo de protestantes, cujo afluxo ultimamente tem sido mais numeroso. Muitas vezes, o segundo grupo está fortemente a favor da ideologia de Hitler, que é a fonte principal da situação tensa entre os alemães. De acordo com o autor, as causas subjacentes ao conflito refletem em certa medida os motivos de desacordo entre os poloneses. Os católicos são considerados veteranos, que deram testemunho da sua força vital e criativa e cujo trabalho lançou o alicerce para o êxito da colonização alemã no Paraná. Porém, o grupo dos católicos não é numeroso, o governo da Alemanha impede a chegada de outras famílias católicas, estimulando a imigração dos protestantes que recebem proteção

e apoio especial do Terceiro Reich, sob a força de organizações e escolas estabelecidas no Brasil, subordinadas às instruções das entidades centrais na mãe-pátria (Ibid.).

Aliás, na sociedade dos católicos encontram-se os imigrantes políticos que foram forçados a abandonar o seu país por motivos religiosos. Na sua carta, o padre Jan Wiśliński refere-se ao caso de um alemão de origem polonesa ou, ao contrário, de um polonês de origem alemã que fora educado nos valores católicos, pelos pais poloneses, mas costumava ser encarado como alemão puro. Contudo, ao defender a sua fé, colocou-se em perigo e foi obrigado a emigrar. Segundo o autor, é “[...] uma alma polonesa, condenada à servidão por muitos anos e limitada pela religião e nação estrangeira” (Ibid.). Assim, baseando-nos nas palavras do padre, o etnotipo dos alemães é criado em oposição à autoimagem dos poloneses.

Por outro lado, a imagem da etnia alemã no jornal é apresentada, também, a partir de outro ponto de vista, não apenas como uma nação opressora, mas até mesmo para com os seus próprios conterrâneos. A redação dos vicentinos refere-se à entrevista do periódico “O Estado”, intitulado “Brasilidade e não germanismo”, com um dos líderes de uma federação carioca, Fred Kopp, que reúne os brasileiros de origem alemã (1937: 2). Em nome dela, Kopp admite que os alemães no Brasil desejam formar uma entidade cultural, mas harmoniosamente e sem impor o seu domínio sobre outras culturas. Declara ainda que a organização não tem como objetivo alcançar a superioridade em relação aos outros, ao contrário dos partidários de Hitler, o que constitui um perigo para os brasileiros, uma vez que obriga a rejeitar a chamada brasilidade (Ibid.).

Neste mosaico étnico que caracteriza a sociedade brasileira, no periódico dos missionários destaca-se a imagem dos japoneses, embora não levantada com frequência. A redação descreve os seus métodos de colonização, no seu entender, superiores aos dos poloneses e também das outras nações (1932e: 1). Os japoneses são organizados ao pormenor, ao contrário dos países europeus da “alta cultura” (Ibid.). O governo do Japão procede a uma classificação e determina as condições que um emigrante potencial deve cumprir. Por meio desta seleção

minuciosa, tentam evitar os sentimentos anti-japoneses no estrangeiro, a emigração é destinada apenas às pessoas conscientes nacionalmente. Antes da saída, graças à participação em cursos especiais, aprendem obrigatoriamente a língua portuguesa e recebem conhecimento em relação à agricultura do território colonizado, aos costumes e às condições de vida (Ibid.). Depois do treinamento, tornam-se mais familiarizados com a nova realidade, na qual, ao se estabelecerem, são sujeitos a uma instituição da mãe-pátria que cuida da sua disciplina no exterior, para criarem aglomerações sólidas e duradouras. Além disso, os missionários sublinham o facto de que os japoneses, para conseguirem uma boa opinião pública dos brasileiros, convertem-se ao cristianismo (1933: 1).

Assim, no jornal *Lud*, o seu etnotipo é retratado como uma nação forte, diligente e trabalhosa, caracterizada pelo esforço persistente e pela vontade de assimilação que revela grandes capacidades pioneiras (1932e: 1). Por conseguinte, de acordo com o pároco de Cambará, do norte do Paraná, João Belchior, cujas palavras são referidas pelo padre Julian Janiewski na sua carta de viagem, os japoneses assumem uma posição de liderança nas regiões onde se estabelecem, superando a civilização da Europa Ocidental (Janiewski, 1937b: 3). Graças à sua boa organização e educação, trazem ordem às colónias europeias, onde anteriormente reinava a anarquia. Embora um recém-chegado do Japão entre no Brasil sem recursos, consegue transformar-se num homem independente. Na sequência destas ideias, às quais se refere o padre, notamos que a imagem dos japoneses é criada a partir da dicotomia entre a cultura da Europa Ocidental e a cultura oriental, exótica, pouco conhecida, mas neste caso superior à dos europeus. Conforme as conclusões do próprio autor da carta mencionada acima, os imigrantes japoneses são dedicados inteiramente ao trabalho e plenamente adaptados às condições de vida no estrangeiro, sem perderem os laços de solidariedade com os seus conterrâneos, por isso, constituem um modelo a seguir para os “nossos” (Ibid.).

Nos anos 30, com o início do governo de Getúlio Vargas, aprofundaram-se as divergências na sociedade brasileira em relação aos estrangeiros. Na revista *Lud* notamos que a campanha contra os

elementos indesejáveis aumentou notavelmente tanto no Brasil, como na Polónia onde, em meados da década de 30, a emigração das minorias nacionais, sobretudo de ucranianos e judeus, foi considerada necessária (Mazurek, 2006: 159). A hostilidade, principalmente quanto à etnia judaica, prolongou-se no exterior e manifestou-se entre os imigrantes poloneses no Brasil, onde um espírito ardente de ódio era alimentado cada vez mais pelo governo e pelos próprios poloneses na sua comunidade, neste caso em relação aos judeus com passaportes poloneses, que entraram em conflitos com as autoridades brasileiras.

O tema dos judeus que chegaram ao Brasil da Polónia, surge no periódico *Lud* com mais frequência desde o fim do ano de 1935, após a Intentona Comunista, tanto nas notícias concisas que informam sobre a situação na Polónia, como no Brasil. Os representantes desta etnia são responsabilizados pela propaganda anti-polonesa no estrangeiro, uma vez que, passando pelos poloneses, prejudicam o bom nome do Estado Polonês (1936e: 2). Segundo as observações dos missionários, a imprensa brasileira informa sobre os comunistas da Polónia, expulsos do país devido à participação na revolta de 1935. Este problema é prosseguido na secção de notícias do Brasil, embora formulando opiniões inequivocamente negativas sobre os judeus envolvidos em conflitos com a lei, não estão assinados.

(...) os judeus comunistas ainda atuam com impunidade no Rio de Janeiro e prejudicam o bom nome da Polónia, passando pelos poloneses naturais. Apesar de termos os nossos postos diplomáticos e as nossas organizações na capital, ninguém corrige o erro que aqueles indivíduos perigosos, considerados uma ameaça à paz, não têm nada a ver com a Polónia, exceto um passaporte polonês (1936e: 2).

Conforme já referido, no jornal *Lud*, o etnotipo da etnia judaica é retratado na maioria através de breves textos. Porém, quando o problema dos judeus suspeitos de serem comunistas se torna cada vez mais visível, num dos números do periódico é publicado um artigo de capa, sob o título “Não permitiremos que desrespeitem o bom nome da Polónia”, no qual o autor, o padre Stanisław Misiaszek da Congregação dos Redentoristas, se refere ironicamente aos sobrenomes

dos acusados de comunismo: “apenas poloneses naturais” (Misiaszek, 1936: 1). Assim, na revista prevalece uma imagem do judeu astuto e hipócrita, que para não passar por suspeito, arranja um passaporte polonês, no qual não há apontamento sobre a sua religião, como sublinha o autor acima mencionado. O padre redentorista continua que o judeu chegou ao Brasil junto com o camponês da Polónia, “como se fosse a sua sombra”, mas ao contrário do polonês não se dedicou ao trabalho na floresta selvagem, em vez disso entrou nas cidades à procura de um trabalho lucrativo e sem esforço (Ibid.).

No que diz respeito à imagem dos índios, embora sejam autóctones, no periódico *Lud* são apresentados como um povo exótico. Em geral, na revista aparecem poucas informações sobre os indígenas, às vezes, os artigos mais elaborados, que descrevem determinadas tribos, a sua história e costumes, surgem na última página, como uma curiosidade. Os índios constituem uma oposição à civilização moderna, é um povo denominado selvagem, que vive de maneira primitiva, por isso, inferior aos europeus e às outras etnias (Żerek, 1937: 6). No entanto, de certo modo, os membros de algumas tribos tentam adaptar-se à nova realidade, portanto, chegam à capital do Rio de Janeiro para receber apoio material do governo. Em 1938, encontramos um breve relato, baseado na notícia do periódico brasileiro *Diário da Noite*, incluído na secção das notícias do Brasil, sobre a visita dos índios à capital do Distrito Federal, que pela primeira vez entraram em contacto com a civilização moderna (1938a: 2). Apreciavam passear pelas ruas e praças da cidade, impressionados com um panorama de arranha-céus e com o aeroporto, „vendo aviões, tinham vertigens”. A redacção de *Lud* refere-se aos índios de modo muito infantil, como se fossem crianças, por um lado despertam simpatia e mostram vontade de progredir, mas são considerados pouco aptos, tal como crianças que precisam de cuidado. São viajantes exóticos, até estrangeiros conforme o imaginário do homem branco, que se considera um cidadão brasileiro (Ibid.).

Por outro lado, nas edições anteriores, ao lado da notícia sobre uma delegação de índios no Rio de Janeiro, é colocada uma informação sobre um massacre do povo, feito pelos índios selvagens Cayapos, que assaltaram os operários. Esta notícia não aponta para o motivo

do assalto, era possível que os trabalhadores tivessem entrado nos territórios dos índios, que pretenderam proteger o seu lar pela força (1936a: 2). Em certo grau, os indígenas são justificados pelos seus atos cruéis, uma vez que foram os brancos que começaram as bestialidades contra as tribos. Segundo o missionário salesiano, o padre Hipolit Cholewon, cujas observações sobre os índios são referidas pela redação, atraídos pelas riquezas, lutaram contra os povos autóctones, por conseguinte, os índios sentem em relação aos brancos receio e ódio (1932b: 2). O salesiano continua referindo o caso de uma tribo de Mato Grosso, forçada a fugir para o interior profundo do país, devido às expedições dos americanos e dos europeus. Como os brancos contribuíram para a morte dos seus companheiros, prometeram vingarse. Agora rejeitam qualquer contacto com os estrangeiros, habitando zonas inacessíveis, e são conhecidos pela sua selvajaria e crueldade (Ibid.).

Outrossim, no periódico dos vicentinos surgem tentativas de aproximar os índios aos leitores através dos testemunhos ou das narrativas das pessoas que estabeleceram relações amigáveis com uma tribo. Assim, os indígenas são humanizados, dado que revelam uma capacidade de distinguir o bem do mal, aceitam o homem branco que não luta contra eles, nem os trata de modo instrumental. Embora tão diferentes da civilização europeia, respeitam o direito natural, a ordem criada há muito tempo. Demonstram uma profunda fidelidade às suas tradições, às regras e à hierarquia na comunidade, nem sempre compatíveis com a civilização moderna, contudo, devem ser respeitadas pelas pessoas vindas do exterior (1936b: 6).

A imagem dos brasileiros no jornal *Lud* destaca-se no panorama das etnias apresentadas acima, uma vez que são considerados amigos da nação polonesa, que foi abrigada cordialmente, porém, a partir da campanha de nacionalização, entre 1937–1938, a sua relação é posta à prova. As restrições que o governo aplica aos estrangeiros não correspondem às ideias que os imigrantes tinham sobre o Brasil, designadamente, no entender da redação, a liberdade, a igualdade e o respeito pela diversidade (1938b: 2). Portanto, podemos classificar o período de 1930 até ao Golpe do Estado, conforme a teoria do etnotipo e do

seu método de investigação da autoria de Leerssen (2018), como de certa estabilidade, embora tendo em consideração a crise económica e as agitações políticas, enquanto o período do Estado Novo até ao ano de 1938, da campanha de nacionalização intensificada, como um período de conflito. Desde então, observamos o enfraquecimento dos laços de amizade, os poloneses não mostram tanto entusiasmo em relação aos brasileiros, no entanto, esperam que as boas relações sejam reestabelecidas.

Passando à nossa análise da heteroimagem dos brasileiros, importa notar que a partir do período analisado, os redatores da revista pretendem traçar um paralelo entre ambas as nações, como baseadas nos mesmos valores, sobretudo, no desenvolvimento. Neste contexto, desempenham um papel importante as sociedades polono-brasileiras, destinadas tanto a favorecer a aproximação e a compreensão mútua entre os poloneses e os brasileiros, como a ampliar os vínculos da Polónia com os imigrantes, nomeadamente, a Sociedade Tadeusz Kościuszko no Rio de Janeiro e a sua congénere, a Sociedade Rui Barbosa em Varsóvia (Mazurek, 2020: 27, Zaleski Trindade, 2020: 64–65). Uma vez que o melhor conhecimento das diferentes culturas e o intercâmbio de ideias contribui para a coesão económica e social, os representantes da Polónia no Brasil procuram recuperar e fortalecer a posição da mãe-pátria ao nível internacional, reforçando a posição dos seus conterrâneos no exterior, a fim de proporcionarem uma base sólida para a cooperação – este postulado é presente, por exemplo, nos relatos da União Central dos Poloneses, publicados no jornal (1932d: 1–2).

Ao mesmo tempo, entre ambas as nações há oposições ocultas, acentuadas sobretudo pelos poloneses. A sua nação aos olhos dos missionários é considerada como oriunda de um dos países de longa tradição e de civilização antiga, europeia, no seu entender, superior e desejada pelos brasileiros (1936c: 3). A Polónia pertence ao velho continente, enquanto o Brasil é o novo mundo, portanto, precisa de estrangeiros do velho mundo para estabelecer a sua grandeza na cena internacional. Contudo, a Polónia, um país que se tornou independente há pouco tempo e que está no processo de reforma e de recuperação económica, necessita do apoio de um país forte. Esta questão, quer

dizer a necessidade da expansão económica e comercial da Polónia, para a qual deve contribuir a comunidade dos poloneses no Brasil, é apresentada, nomeadamente, num dos discursos de Tadeusz Grabowski, publicado na capa do jornal (1931c: 1). Durante a sua visita no Paraná, o ministro plenipotenciário admite que os imigrantes poloneses, integrados e unidos em solo estrangeiro, devem desempenhar um papel de ligação entre a Polónia e o Brasil, posto que é seu dever para com a pátria abandonada, tal como para com o país de acolhimento, sublinhando que “[...] toda a imigração há de entender que o âmbito da organização comum constitui um interesse para ambas as partes” (Ibid.).

A vontade de fortalecer as relações entre ambos os países diz respeito à crise económica na Polónia, um dos temas recorrentes nas páginas de *Lud*, considerado ainda mais grave devido à superlotação das áreas rurais, cuja população apenas parcialmente pode ser absorvida pelas cidades industriais. Por conseguinte, esta questão é abordada numa série de crónicas publicadas em 1936 e no início de 1938, da autoria do padre Franciszek Sokół, firmemente favorável a uma ideia de expansão ultramarina do Estado Polonês. Preocupado com a superlotação da sua pátria, afirma que „A única solução deste problema consiste em obter as nossas próprias colónias, mas até que isso aconteça, mesmo a menor partida do nosso povo para o estrangeiro, aliviará a Polónia sobrepopoada” (Sokół, 1936: 3). Portanto, conforme a redação do periódico, o Brasil, sendo um país de grandes distâncias e abundante em recursos naturais, pode absorver o excedente populacional do velho continente, recebendo capital humano, ou seja mão-de-obra. O padre Julian Janiewski, realça o potencial inexplorado das terras no norte do Paraná, admitindo no seu artigo de capa, intitulado “Sobre o café paranaense”, que os territórios atrás referidos “[...] ainda permanecem sem interferência humana, mas graças à qualidade incrível do solo, à chamada terra roxa, e às condições favoráveis de clima e de altitude, prestam-se especialmente às plantações de café, o que augura um futuro positivo” (Janiewski, 1937c: 1). No entanto, por causa da introdução de uma política imigratória mais restritiva que limita progressivamente o número das entradas legais, esta ideia permanece em fase de projeto, a maior ênfase é atribuída ao intercâmbio comercial,

a partir da assinatura de um contrato que prevê a importação direta de café, do Rio de Janeiro à cidade de Gdynia (Pałka, 1932: 1). Este tema é aprofundado também na segunda metade do período analisado, nomeadamente, pelo padre Julian Janiewski. O missionário pronuncia-se a favor da revitalização do comércio entre a Polónia e o Brasil, o que exige uma simplificação do sistema de restrições cambiais, responsáveis pelo desenvolvimento mantido num nível baixo devido à sua versão em vigor na época (Janiewski, 1937d: 1).

O paralelo entre os países é estabelecido pela redação de *Lud* também mediante o seu passado nacional, ou seja a sua história nacional. No jornal surgem artigos em relação aos dias nacionais dos brasileiros e dos seus heróis nacionais, o que constitui uma oportunidade para aproximar os poloneses às vicissitudes históricas do Brasil e da América do Sul. Às vezes, são as cartas históricas, publicadas na capa do periódico, que apresentam cronologicamente os acontecimentos importantes, tal como no caso das festas nacionais dos poloneses. O maior entusiasmo é suscitado pelos dias da independência, quando a Polónia e o Brasil se transformaram em países autónomos. Quanto à importância dos feriados nacionais acima referidos, no jornal são publicados artigos da redação, que aludem expressamente às histórias de ambas as nações, enfatizando semelhanças entre as suas experiências vividas no passado, nomeadamente, os missionários salientam que durante a implementação da independência no Brasil, a Polónia estava ocupada por países opressores, portanto, os poloneses compreendem a situação das pessoas que vivem sob o jugo dos outros (1931d: 1). O valor da liberdade é partilhado por ambas as etnias, sendo uma das características principais que reúne os poloneses e os brasileiros. Num dos artigos associados à proclamação de independência no Brasil, o redator-chefe de *Lud*, o padre Jan Pałka, ressalta que:

O Brasil é a nossa segunda pátria, na qual vivemos e que nos proporciona proteção jurídica, fornecendo ricamente tudo, o que a pátria pode dar. Há muito tempo, nos acolheu e abriu o caminho à colonização polonesa. Já cresceram os filhos da terceira e quarta geração. Cada um tem uma

profunda estima por certos deveres para com a sua nova pátria (Pałka, 1935: 1).

Ainda na segunda parte do artigo, o vicentino declara que “As nossas ações revelam que somos brasileiros. Os desafios decorrentes da situação política e económica atual tornam-nos responsáveis, antes de mais, pelo Brasil” (Pałka, 1935: 1). Aliás, a ligação estreita tem origem no facto de que o primeiro reconhecimento da independência da Polónia vem do Brasil, o que sublinha o presidente da União Central dos Poloneses, Jan Grabski, no seu discurso de boas-vindas proferido ao novo côsul-geral, Roman Adam Staniewicz (1932c: 2). Nesta perspectiva, aos olhos da redação dos missionários, os brasileiros são considerados um povo amistoso, hospitaleiro e humilde, cujo país abrigou muitos estrangeiros, proporcionando-lhes a liberdade, da qual foram privados na mãe-pátria, e uma realidade segura, graças à qual cada um pode conseguir prosperidade através de trabalho honesto (1931d: 1).

Além disso, o redator-chefe salienta que os poloneses e os brasileiros partilham a mesma religião e, por conseguinte, os valores católicos, enraizados na mentalidade polonesa (Pałka, 1936: 2). Franciszek Pogorzelski, um dos autores leigos, publicados no jornal dos missionários, devido ao quadragésimo aniversário da Sociedade Tadeusz Kościuszko, indica que desde os primórdios da imigração, o Brasil lhes garantiu a liberdade religiosa, da qual foram desapossados na sua pátria, onde se sentiam discriminados por parte dos países opressores, cujas autoridades lhes pretendiam impor outra identidade (Pogorzelski, 1930: 1). Segundo o padre Julian Janiewski, os primeiros imigrantes da Polónia tinham reproduzido no Brasil uma „miniatura da sua aldeia natal”, uma vez que, ao chegarem ao Brasil, tinham tido oportunidade de erguer as suas próprias igrejas e criar as novas gerações de maneira religiosa (Janiewski, 1936a: 1). Embora estando no estrangeiro, sentem-se compreendidos, o que podemos observar nas referências às considerações dos católicos brasileiros, apresentadas na secção de notícias do Brasil, que apelam às autoridades do país para possibilitarem a prestação dos serviços pastorais aos imigrantes na sua língua-mãe. Esta ideia vem de um escritor brasileiro, Silveira Bueno, abordada

num dos periódicos de São Paulo, onde os estrangeiros sentem falta das suas próprias igrejas (1930c: 2). De acordo com o autor, no início da década de 30 é uma questão urgente, uma vez que milhares de imigrantes em São Paulo, sem saber a língua do país de acolhimento e os seus costumes locais, se afastam da Igreja Católica, admitindo que cada nação precisa de celebrar os atos religiosos conforme as suas tradições e dirigidos por um padre da sua origem. Aponta também para a melhor organização dos protestantes, cuja atividade é considerada prejudicial, visto que reforça a atividade das seitas protestantes e, por conseguinte, diminui a influência católica (Ibid.).

Porém, o problema das seitas existe tanto no interior do Brasil, como nos seus centros urbanos. No jornal surgem com frequência artigos que alertam os leitores contra o perigo das seitas, espalhadas pelas colónias do interior, até dirigidas por pessoas provenientes da Polónia, nomeadamente, a seita dos Velhos Católicos, liderada pelo padre Teofil Bartnicki, chamado o “pai das seitas no Paraná” (1932a: 1, 2). A sua atividade entra em conflito com a Igreja Católica e divide o povo, anteriormente unido em nome da mesma religião. Além disso, os membros da referida seita aproveitam-se da ingenuidade dos colonos, para alimentar os seus próprios interesses (Ibid.). Assim, notamos que o Brasil é um país vulnerável às seitas, à atividade dos curandeiros e dos feitiçeiros que exercem livremente as suas práticas pagãs, espalhados sobretudo pelo interior profundo, onde há falta de médicos – este problema é abordado regularmente pelos vicentinos na secção das notícias do Brasil, a partir do início do período analisado (1930b: 2). Ao mesmo tempo, de acordo com Józef Choiński, um dos ativistas envolvidos nos assuntos da comunidade polonesa e um dos secretários de Oświata, a expansão das quadrilhas de malandros é também uma das consequências da falta de ensino, ao qual nem todos os poloneses atribuem a mais elevada prioridade (Choiński, 1936a: 1). Noutro artigo, na ótica da redação, o programa de aprendizagem do Brasil nas escolas públicas, não é adaptado à situação atual, sendo inadequado e insuficiente (1938c: 1). Segundo os dados colocados no jornal *Lud*, do periódico o *Correio do Povo*, na segunda metade da década de 30 apenas 20% frequentam as escolas que, no entanto, são muito

primitivas e atrasadas (Ibid.). Aliás, já nos artigos anteriores, o padre Józef Góral se manifesta a favor do sistema de ensino dos poloneses, no seu entender, superior ao brasileiro, argumentando que, devido à ausência da educação religiosa nas escolas brasileiras, não é desenvolvido nos alunos o respeito por Deus, ao contrário das escolas polonesas, onde os professores trabalham com entusiasmo e dedicação no âmbito de uma „ideia nacional”, que insiste na formação do espírito patriótico (Góral, 1931: 1).

Em geral, o Brasil é considerado pelos vicentinos um país tradicional, em contraste com os países europeus (1931d: 1). Neste período regista-se um aumento demográfico no país, o maior na América do Sul e em toda a Europa, o que o padre Julian Janiewski interpreta no seu artigo, a “População brasileira”, como resultado do ambiente favorável, isto é, das condições climáticas e dos vastos recursos naturais (Janiewski, 1937a: 1). Além disso, o missionário realça que as famílias brasileiras são numerosas devido à manutenção do sistema de valores tradicionais, do qual os europeus progressivamente se afastam, referindo-se ao volume Brasil 1936 do Departamento dos Negócios Estrangeiros, conforme o qual este crescimento demográfico se deve muito mais ao povo local, do que aos estrangeiros. De acordo com o padre, o aumento da população é uma marca da vitalidade do país, do seu futuro próspero e da sua autossuficiência, contribuindo para o reforço da nação, para que não seja indiferente aos estrangeiros e suas ambições políticas (Ibid.). Outrossim, os valores tradicionais enraizados na mentalidade dos brasileiros e a continuidade dos mesmos, no seu entender, vêm da devoção piedosa e da relação muito próxima com a natureza, graças à qual em toda a parte sentem a presença de Deus e a importância da fertilidade. Segundo o missionário, o povo brasileiro é caracterizado ainda por uma alta ética familiar e o costume de casamentos precoces, o que, por causa das condições prósperas no país, resulta numa cada vez maior influência do Brasil ao nível político e económico (Ibid.).

A ligação estreita com a natureza e afeição à terra têm a ver também com a origem dos brasileiros, o que contribui para o seu acervo cultural. Neste contexto, Józef Stańczewski, um dos ativistas poloneses

no Brasil e autor de numerosas publicações em *Lud*, apresenta no seu artigo, publicado na capa do jornal, a figura de Coelho Netto, um candidato brasileiro indicado ao Prémio Nobel da Literatura, o filho de um português e de uma indígena, “obviamente que batizada e civilizada” (Stańczewski, 1932: 1). A obra do referido escritor revela a importância do património herdado da mãe e dos valores tradicionais, nomeadamente, o amor profundo pela natureza e pela terra natal (Ibid.). Em geral, nas páginas da revista surgem poucas referências à cultura ou à literatura brasileira que, na maioria, ao serem apresentadas aos leitores aludem à contribuição dos europeus para o desenvolvimento do Brasil, como por exemplo *Oéste Paranaense* de Lima Figueiredo. Neste livro o autor descreve as suas impressões da expedição sobre a dita região, salientando as influências europeias. Ao visitar o Distrito de Laranjeiras, cuja população é constituída por índios e estrangeiros, entre outros, por poloneses, admite que é uma região próspera, na qual se reflete o valor do europeu, quer dizer de um „homem forte, inteligente e calmo” (Żerek, 1937: 6). Assim, o desenvolvimento do Brasil é relacionado com os imigrantes, sobretudo do velho continente, da Europa. Os europeus são considerados superiores aos índios, embora não sejam tão numerosos, as suas iniciativas têm um impacto forte e duradouro no desenvolvimento do país. É de sublinhar que a ideia da contribuição dos imigrantes da Europa é divulgada pela redação no fim de 1937, pouco antes do Golpe de Estado, porém, já no âmbito das tendências nacionais (Ibid.).

Em síntese, podemos observar que a imagem do Brasil e do brasileiro é criada pelos missionários tanto a partir das suas semelhanças, como a partir da oposição aos poloneses ou à Europa Ocidental. Na segunda metade da década de 30, notamos um aumento do sentimento de pertença ao Brasil por parte dos poloneses que, além das tentativas de participar na vida pública do país, se referem ao problema da transmissão de informações falsas sobre o Brasil nas publicações europeias. Em 1936, a redação do jornal publica uma carta destinada aos seus conterrâneos, da autoria de Józef Choiński, intitulada “Será que é tarde demais?”, na qual o autor aponta para o imaginário errado dos europeus, que contribuem para a deformação da realidade

(Choiński, 1936b: 1). Segundo as suas observações, a imagem do Brasil e dos brasileiros criada pelos europeus pressupõe uma realidade atrasada e exótica, enquanto o país e o seu povo estão em constante desenvolvimento. Além disso, o autor salienta que os europeus mostram ignorância em relação ao povo brasileiro, humilhado e tratado de maneira indigna; por isso, devido ao amor pela sua segunda pátria, os poloneses não devem estar em silêncio diante das vozes que deformam a realidade e são prejudiciais a eles, visto que compartilham a mesma origem, a europeia. Em consequência, passam por pessoas ingratas, que abusam da hospitalidade dos outros e, por conseguinte, responsabilizadas moralmente pela ofensa dos brasileiros que as abrigaram cordialmente. Outrossim, o autor admite que os próprios poloneses transmitem informações falsas sobre a realidade brasileira, referindo-se a uma publicação do seu conterrâneo, na qual utiliza uma linguagem depreciativa em relação aos empregados negros de um hotel no Brasil devido à cor da sua pele. Portanto, Rodrigo de Freitas, um jornalista brasileiro, chamou-lhe num dos seus artigos um “polaco incivil e ingrato”, o que, sublinha o autor, contribui negativamente para a imagem da nação polonesa aos olhos dos estrangeiros (Ibid.). Finalmente, J. Choiński fecha o seu artigo com o apelo aos poloneses para que se sintam responsáveis pelas suas palavras, pelas quais toda a comunidade polonesa no Brasil pode ser culpabilizada.

Referências bibliográficas

Bibliografia ativa:

A. Artigos do jornal *Lud* assinados por autores

CHOIŃSKI, J. (1936a), „Pod uwagę rodziców”, *Lud*, 4, Curitiba, p. 1, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5845/>, 15.02.2022.

CHOIŃSKI, J. (1936b), „Czy nie będzie za późno?”, *Lud*, 8, Curitiba, p. 1, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5841/>, 15.02.2022.

GÓRAL, J. J. (1931), „Do polskiej szkoły!”, *Lud*, 8, Curitiba, p. 1, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5374/>, 14.02.2022.

JANIEWSKI, J. (1936a), „Od czego zaczęliśmy i do czego dążymy”, *Lud*, 70, Curitiba, p. 1, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5779/>, 15.02.2022.

- JANIEWSKI, J. (1936b), „Z Nowym Rokiem”, *Lud*, 93, Curitiba, p. 1, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5760/>, 16.02.2022.
- JANIEWSKI, J. (1937a), „Ludność w Brazylii”, *Lud*, 42, Curitiba, p. 1, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5902/>, 16.02.2022.
- JANIEWSKI, J. (1937b), „Na szlaku północnej Parany”, *Lud*, 49, Curitiba, p. 3, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5895/>, 16.02.2022.
- JANIEWSKI, J. (1937c), „O kawie parańskiej”, *Lud*, 66, Curitiba, p. 1, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5877/>, 16.02.2022.
- JANIEWSKI, J. (1937d), „O żywienie handlu z Polską”, *Lud*, 83, Curitiba, p. 1, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5860/>, 16.02.2022.
- KOWALSKI, W. (1931), „Pionierzy puszczy brazylijskich obejmujące ster Centralnego Związku Polaków”, *Lud*, 22, Curitiba, p. 1, [on-line] http://www.pbc.uw.edu.pl/5360/1/Lud_1931_22.pdf, 16.02.2022.
- MISIASZEK, S. (1936), „Nie dajmy ponieierać imienia polskiego”, *Lud*, 11, Curitiba, p. 1, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5838/>, 15.02.2022.
- PAŁKA, J. (1931), „Nie będzie Nitti pluł nam w twarz”, *Lud*, 1, Curitiba, p. 1–2, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5381/>, 14.02.2022.
- PAŁKA, J. (1932), „Coraz ściślejsza współpraca Polski z Brazylią”, *Lud*, 83, Curitiba, p. 1, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5393/>, 14.02.2022.
- PAŁKA, J. (1935), „Rocznica ogłoszenia Republiki w Brazylii”, *Lud*, 84, Curitiba, p. 1, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5747/>, 15.02.2022.
- PAŁKA, J. (1936), „Nossa Senhora do Pilar”, *Lud*, 54, Curitiba, p. 2, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5795/>, 15.02.2022.
- POGORZELSKI, F. (1930), „W 40-lecie rocznicę”, *Lud*, 41, Curitiba, p. 1, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5249/>, 14.02.2022.
- SOKÓŁ, F. (1936), „Gawędy o wszystkim”, *Lud*, 17, Curitiba, p. 3, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5832/>, 16.02.2022.
- STAŃCZEWSKI, J. (1932), „Coelho Netto. Brazylijski kandydat do Literackiej Nagrody Nobla”, *Lud*, 65, Curitiba, p. 1, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5412/>, 14.02.2022.
- WIŚLIŃSKI, J. (1937), „Pokłosie z wycieczki do interioru Parany”, *Lud*, 84, Curitiba, p. 6, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5859/>, 16.02.2022.
- WOJCIECHOWSKI, S. (1930), „Gospodarcze znaczenie wybrzeża morskiego w Polsce”, *Lud*, 71, Curitiba, p. 1, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5218/>, 14.02.2022.

ŻEREK, H. (1937), „Zachód Parański”, *Lud*, 82, Curitiba, p. 6, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5861/>, 16.02.2022.

B. Artigos do jornal *Lud* não assinados

„Brońmy się przeciw oszczercom” (1930a), *Lud*, 92, Curitiba, p. 2, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5197/>, 14.02.2022.

„Życie ludzkie pada ofiarą głupiego zabobonu” (1930b), *Lud*, 69, Curitiba, p. 2, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5221/>, 14.02.2022.

„O opiekę duszpasterską w języku rodzinnym” (1930c), *Lud*, 13, Curitiba, p. 2, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5277/>, 14.02.2022.

„Bołą Polaków oszczerstwa rzucane na Polskę” (1931a), *Lud*, 16, Curitiba, p. 2, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5366/>, 14.02.2022.

„Gryzi-uch” (1931b), *Lud*, 15, Curitiba, p. 2, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5367/>, 14.02.2022.

„Pan Minister Grabowski i Prezes Dr Szymański na posiedzeniu Zarządu C.Z.P.” (1931c), *Lud*, 43, Curitiba, p. 1, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5339/>, 14.02.2022.

„Rocznica ogłoszenia niepodległości Brazylii” (1931d), *Lud*, 63, Curitiba, p. 1, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5319/>, 14.02.2022.

„Krętami ścieżkami chadza ojciec parańskiego sekciarstwa” (1932a), *Lud*, 65, Curitiba, p. 1–2, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5412/>, 14.02.2022.

„Opowiadania misjonarza o Indjanach w Matto Grosso” (1932b), *Lud*, 54, Curitiba, p. 2, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5423/>, 14.02.2022.

„Przemówienie powitalne” (1932c), *Lud*, 47, Curitiba, p. 2, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5430/>, 14.02.2022.

„Światowy Związek Polaków” (1932d), *Lud*, 56, Curitiba, p. 1–2, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5421/>, 14.02.2022.

„Wzorowe metody kolonizacyjne” (1932e), *Lud*, 67, Curitiba, p. 1, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5410/>, 14.02.2022.

„25-lecie emigracji japońskiej w Brazylii” (1933), *Lud*, 25, Curitiba, p. 1, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5494/>, 14.02.2022.

„Morze niemczyzny zalewa kolonje polskie w okolicach Castro” (1934), *Lud*, 23, Curitiba, p. 2, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5569/>, 15.02.2022.

„Indjanie masakrują ludność” (1936a), *Lud*, 20, Curitiba, p. 2, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5829/>, 15.02.2022.

- „Łowcy głów” (1936b), *Lud*, 18, Curitiba, p. 6, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5831/>, 15.02.2022.
- „Niec o gazetach i czasopismach” (1936c), *Lud*, 7, Curitiba, p. 3, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5842/>, 15.02.2022.
- „Polska pielgrzymka” (1936d), *Lud*, 67, Curitiba, p. 3, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5782/>, 15.02.2022.
- „Wydalenie komunistów” (1936e), *Lud*, 4, Curitiba, p. 2, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5845/>, 15.02.2022.
- „Brazylianizm a nie germanizm” (1937), *Lud*, 67, Curitiba, p. 2, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5876/>, 16.02.2022.
- „Indianie ze szczepu Carajás w Rio” (1938a), *Lud*, 78, Curitiba, p. 2, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5958/>, 16.02.2022.
- „Odjazd Posła Rzeczypospolitej Dr Tadeusza Grabowskiego” (1938b), *Lud*, 14, Curitiba, p. 2, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/6022/>, 16.02.2022.
- „Program brazylijski” (1938c), *Lud*, 59, Curitiba, p. 1, [on-line] <http://www.pbc.uw.edu.pl/5977/>, 16.02.2022.

Bibliografia passiva:

A. Em livro

- DYGASIŃSKI, A. (1891), *Listy z Brazylii*, Wydawnictwo „Kurjera Warszawskiego”, Warszawa.
- IAROCHINSKI, U. (2000), *Saga dos Polacos – a Polônia e seus emigrantes no Brasil*, edição do autor, Curitiba.
- IAROCHINSKI, U. (2010), *Polaco. Identidade cultural do Brasileiro descendente de imigrantes da Polônia*, edição do autor, Curitiba.
- KRAWCZYK, J. (2003), *Z Polski do Brazylii (wspomnienia z lat 1916–1937)*, Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego, Warszawa.
- LENCZAROWICZ, J. (1994), *Prasa i społeczność polska w Australii: 1928–1980*, Księgarnia Akademicka, Kraków.
- MALCZEWSKI, Z. (2008), *Marcas da presença polonesa no Brasil*, Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich UW, Warszawa.
- MAZUREK, J. (2006), *Kraj a emigracja. Ruch ludowy wobec wychodźstwa chłopskiego do krajów Ameryki Łacińskiej (do 1939 roku)*, Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich UW, Warszawa.

- MAZUREK, J. (red.) (2020), *Polska i Brazylia – bliższe niż się wydaje*, Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich UW, Warszawa.
- SIEMIRADZKI, J. (1894), *Za morze! Szkice z wycieczki do Brazylia*, I. Związkowa Drukarnia, Lwów.
- SIEMIRADZKI, J. (1902), *Sprawozdanie dra Józefa Siemiradzkiego i ks. Jana Wolańskiego z podróży po południowej Brazylia*, nakł. Gazety Handlowo-Geograficznej, Lwów.

B. Revistas especializadas

- LEERSEN, J. (2018), “Imagology: on using ethnicity to make sense of the world”, *Porównania*, 21(2), p. 9–30, <https://doi.org/10.14746/p.2017.21.13943>.
- MALCZEWSKI, Z. (2011), „Śladami polskich osadników w Brazylia. Monografia parafii Santana”, *Polonicus. Revista de reflexão Brasil – Polônia*, [on-line] https://polonicus.com.br/site/biblioteca_interna.php?lang=pl&cod=51#_ftnref1, 28.01.2022.
- WEBER, R. (2015), “Agentes e intelectuais étnicos entre os poloneses”, *Revista Tempos Histórico*, 19 (1), p. 253–273, [on-line] <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/130335/000978120.pdf?sequence=1>, 28.01.2022.

C. Teses de doutoramento

- MALIKOSKI, A. (2019), *A nacionalização das escolas étnicas polonesas no Rio Grande do Sul (1918–1942)*, [on-line] <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/5977>, 15.04.2022.
- SILVA, F. R. da (2019), *Associações polonesas união das sociedades Cultura e Oswiata (Curitiba -PR) – antagonismos e polonidade(s) na diáspora (1890–1939)*, [on-line] <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/18927>, 15.04.2022.
- ZALESKI TRINDADE, R. T. (2020), *Um Imperialismo Polonês: narrativas brasileiras das relações da Polônia com os imigrantes poloneses no período entreguerras*, [on-line] <https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/69613>, 15.04.2022.